

Rio, 9 de Março de 1954.

NUPERGS - IFCH/UFRGS
N.º ARQ. 002
N.º DOC. 1604

Décio.

Transmitiu-me o Coelho as suas queixas e, com elas, a resolução de deixar a Presidência do Diretório. Começamos pelo fim. A sua renúncia acarretaria automaticamente, fatalmente a minha. Mas não só por isto, nem principalmente por isto, não se deveria ela consumir. A maior razão, a razão decisiva, é que não haveria nenhuma.

Supõe V. haja de minha parte uma questão pessoal, originada no incidente José Américo. Não a há, nem por este, nem por qualquer outro motivo, como pretendo demonstrá-lo.

Naquela ocasião, as suas declarações vieram perturbar as conversações, principalmente por causa do destaque que lhe deu a imprensa, mas no fundo agradou-me o seu zelo pela coerência doutrinária do Partido. O incidente, já na sua própria origem, nunca poderia ter a importância que V. agora lhe atribui. Mas, ainda quando tivesse tido alguma no meu espírito, os acontecimentos subsequentes teriam anulado. Com efeito, se a secção paraibana tem elementos dignos de todo apreço, o fato é que ela não passa de um apêndice do Sr. José Américo, que, aliás, não se filiou ao Partido. E o comportamento posterior dele tem sido simplesmente decepcionante. Em outros termos, hoje, e não só de hoje, reconheço que, não obstante a necessidade de robustecer a nossa situação legal, melhor fôra não ter organizado a secção paraibana, que nunca se desligará de José Américo. Quem tinha razão era V.

Não sei se V. filia também à mesma causa a minha reação à "Declaração de Princípios". Se o faz, erra gravemente, pois o facto, por si mesmo, a justificava plenamente. E demais, no caso, a minha queixa não era pessoal, mas coletiva, embora a V. cou-

besse, naturalmente, o maior quinhão, e englobava até um dos meus irmãos. Chocava-me, sobretudo, que a ~~se~~ nenhum dos velhos companheiros e provados amigos ocorrera indagar como pensaria eu a respeito da revolução partidária que se ia processar. Portanto, aqui não havia, não podia haver um fator pessoal, a não ser que V. admita que nenhuma verdadeira razão tinha eu para ressentir-me e que tudo não passasse de pretexto.

Chegamos, assim, salvo involuntária omissão, ao caso dos baianos. Começarei por uma explicação, já dada verbalmente ao Mem. Embora não me agradasse nada a fórmula por V. apresentada a respeito do divórcio, não lhe fiz a menor impugnação e, até, lhe subscrevi o parecer favorável, apenas porque tinha deliberado comparecer à Convenção sem nela interferir e, ainda menos, desejava eu criar novo caso. E, mais, aceitei-a lealmente. Procurado, mais uma vez, pelos autonomistas que desejavam ingressar no Partido, mostrei-lhes, então, a resolução e pedi-lhes examinassem se, em face dela, ainda se dispunham a vir para o Partido.

Foi quando percebi o que a fórmula tinha de falsa. Como me fizeram sentir, não passava ela de mero subterfúgio. Admitia os divorcistas para anulá-los. Concluí, então, ser necessário enfrentar a questão e resolvê-la, de um ou de outro modo. Esta, unicamente esta, a origem do meu relatório. Senti-me como diminuído em face dos baianos, que me davam a entender não ser cousa séria.

Como V. talvez não ignore, julgo o divórcio uma necessidade social. Divórcio rigoroso e restrito a certos casos, bem entendido. Apenas temo que o remédio chegue demasiado tarde, pois já se acha destruído, pelo menos no Rio, o conceito da legalidade ou ilegalidade, legitimidade ou ilegitimidade da união

conjugal. Seja, porém, como fôr, eu acataria a posição formalmente anti-divorcista que o Partido viesse a tomar, embora, para mim, o ideal fôsse abrir a questão, como o esteve outrora. Mas é, para mim, a questão secundária.

Não sei se consegui desfazer a sua interpretação, que, além do mais, contradiz o meu feitio. Já alguém escreveu - (julgo ser uma verdade) que nenhum riograndense é menos personalista do que eu.

Não tão pouco personalista, porém, que me torne insensível a um longo passado de lutas em comum. Em relação a V., especialmente, eu nunca poderia esquecer que foi V. dos poucos que me acompanharam naquele doloroso transe de novembro de 1937 e que, sempre atento aos acontecimentos, foi V. dos que concorreram decisivamente para o ressurgimento do Partido. Foram justamente estas estreitas ligações, muito mais afetivas, ainda, do que ideológicas, que agravaram, enormemente, o abalo por mim recebido o ano passado. Talvez em nenhuma outra ocasião, nem em 32, nem em 37, terei sofrido tanto.

Se digo isto agora, não é para censurar, mas para me desculpar humildemente. Os excessos, que agora reconheço ter havido de minha parte, explicam-se, justamente, por esta extrema sensibilidade, que, aparentemente sopitada, qualquer referência despertava novamente.

Demais, nem sempre foram felizes as intervenções. De Brossard, por exemplo, recebi uma carta, em que, em vez de procurar explicar o ocorrido, me exprovara, de dedo em riste, haver escrito aquela epístola, que as circunstâncias, como se me apresentavam na ocasião justificavam inteiramente. O resultado foi, naturalmente, contraproducente. E não dei resposta à carta, para não agravar ainda mais a situação. Ao Brossard peço

me desculpe um certo ressentimento, que então não pude deixar de experimentar.

Em suma, uns mais, outros menos, todos temos errado. Erramos tanto, que até se diria ter havido algum plano de separar-nos, tal foi a sequência das inadvertências e dos erros. Acatando uma observação do Mem, renuncio a analisá-los. E prefiro adotar a explicação (não tão disparatada como a muitos poderia parecer) que o espírito maligno andou entre nós, a fazer das suas.

De minha parte, pois, declaro encerrada, inexistente, como nunca ocorrida, a questão pessoal. Resta a outra, a da nova orientação do Partido. O que me cumpre, pois, como vi claramente, e desde o primeiro momento e disse talvez com excessiva força, é conformar-me com a situação, até que me possa aposentar sem abalo e sem prejuizo na actividade partidária. Tempo de serviço não me falta; é apenas esperar a oportunidade.

Vejo agora que me ia escapando um ponto importante. Filia V. uma suposta prevenção pessoal a seu respeito ao caso José Américo. Para lhe demonstrar positivamente que nunca houve tal prevenção, posso felizmente aduzir um facto. Numa das minhas viagens a Porto Alegre, fiquei impressionado com o seu estado de saúde, na ocasião delicado. Aqui chegam o, escrevi ao Firpo, manifestando-lhe as minhas fundas apreensões em relação ao Partido, caso V. fôsse obrigado a recolher-se. O Firpo poderá confirmar o que lhe estou dizendo. Eu considerava, então, como, com maioria de razão, considero hoje, indispensável a sua presença a frente do Partido.

Estas são as explicações que entendi de meu dever dar às suas queixas, tais como me foram transmitidas pelo Coelho. Senti-me,

5

em verdade, fundamente ferido, mas reconheço que o meu ressentimen-
to foi além do razoável, depois das explicações havidas.

Envia-lhe um dos antigos abraços o velho companheiro
e amigo.

Ram. P. M.